

**PALAVRAS QUE FEREM E PALAVRAS QUE SEMEIAM: UM ESTUDO
FENOMENOLÓGICO NA UNIVERSIDADE DA MATURIDADE – POLO DE
PALMEIRÓPOLIS**

**WORDS THAT HURT AND WORDS THAT SOW: A PHENOMENOLOGICAL STUDY AT
THE UNIVERSITY OF MATURITY – PALMEIRÓPOLIS CAMPUS**

**PALABRAS QUE HIEREN Y PALABRAS QUE SEMBRAN: UN ESTUDIO
FENOMENOLÓGICO EN LA UNIVERSIDAD DE LA MADUREZ – CAMPUS
PALMEIRÓPOLIS**



10.56238/revgeov17n2-046

Leonardo Sampaio Baleiro Santana

Mestre em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: leonardosbsantana@gmail.com

Neila Barbosa Osório

Pós-doutora em Educação

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: neilaosorio@uft.edu.br

Ricardo Filipe da Silva Pocinho

Doutor em Psicogerontologia

Instituição: Instituto Politécnico de Leiria

E-mail: ricardo.pocinho@ipleiria.pt

Sílvia Clara Laurido da Silva

Doutoranda em Educação

Instituição: Instituto Politécnico de Leiria

E-mail: silvia.c.silva@ipleiria.pt

Claudiany Silva Leite Lima

Doutoranda em Biodiversidade e Biotecnologia

Instituição: Universidade Federal do Tocantins

E-mail: claudianymilk@uft.edu.br

Maristela Sanchez Loureiro

Mestra em Educação

Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

E-mail: maridanca@hotmail.com



Samuel Marques Borges
Mestre em Educação
Instituição: Universidade Federal do Tocantins
E-mail: Samuelbiologo11@gmail.com

Naiane Gomes da Silva
Mestre em Biotecnologia
Instituição: Universidade Federal do Tocantins
E-mail: naianegs@uft.edu.br

Jussara Martins de Amorim
Mestranda em Educação
Instituição: Universidade Federal do Tocantins
E-mail: jussaramorim91@gmail.com

Luciano Paulo de Almeida Souza
Mestrando em Educação
Instituição: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
E-mail: luciano.souza@uembs.br

Poliane Martins Ribeiro
Especialista em Metodologia da História e da Geografia
Instituição: Universidade Federal da Lapa
E-mail: polianemartinsribeiro@gmail.com

Fabrícia Santos Nascimento
Especialista em Educação Infantil
Instituição: Universidade Federal do Tocantins
E-mail: fabricia.santos@mail.uft.edu.br

Janeclide Fernandes de Paiva
Especialista em Psicopedagogia institucional e clínica
Instituição: Unicesumar
E-mail: janeclideguerreira@gmail.com

RESUMO

Este artigo apresenta uma investigação fenomenológica sobre a potência da linguagem na vida emocional de pessoas idosas vinculadas à Universidade da Maturidade (UMA), com foco na aula inaugural do segundo semestre de 2025 no Polo de Palmeirópolis. A partir de relatos espontâneos de acadêmicos durante uma atividade de escuta afetiva, o estudo analisa como palavras e expressões – positivas ou negativas – impactam subjetivamente os participantes, revelando feridas simbólicas, mas também sementes de valorização e afeto. Utilizando abordagem qualitativa e inspiração fenomenológica, os dados foram construídos a partir da vivência de campo, observação participante e análise reflexiva dos depoimentos. As discussões se articularam com autores que tratam da linguagem como prática simbólica, das relações de cuidado, empatia e envelhecimento ativo. Os resultados apontam que a linguagem, especialmente em contextos educativos para idosos, não apenas expressa



sentimentos, mas também constitui identidades e media formas de pertencimento. A UMA emerge como espaço pedagógico de acolhimento, no qual a palavra atua como agente de cura, reconhecimento e cidadania. A pesquisa reafirma o valor das práticas educativas centradas na escuta sensível, na mediação empática e na valorização da trajetória dos sujeitos envelhecentes.

Palavras-chave: Linguagem Afetiva. Velhice. Universidade da Maturidade. Fenomenologia. Educação Humanizada.

ABSTRACT

This article presents a phenomenological investigation into the power of language in the emotional lives of older adults linked to the University of Maturity (UMA), focusing on the inaugural class of the second semester of 2025 at the Palmeirópolis campus. Based on spontaneous accounts from students during an affective listening activity, the study analyzes how words and expressions – positive or negative – subjectively impact participants, revealing symbolic wounds, but also seeds of appreciation and affection. Using a qualitative approach and phenomenological inspiration, the data were constructed from field experience, participant observation, and reflective analysis of the testimonies. The discussions were articulated with authors who address language as a symbolic practice, care relationships, empathy, and active aging. The results indicate that language, especially in educational contexts for older adults, not only expresses feelings but also constitutes identities and mediates forms of belonging. UMA emerges as a welcoming pedagogical space, in which the word acts as an agent of healing, recognition, and citizenship. The research reaffirms the value of educational practices centered on sensitive listening, empathetic mediation, and valuing the life trajectories of aging individuals.

Keywords: Affective Language. Old Age. University of Maturity. Phenomenology. Humanized Education.

RESUMEN

Este artículo presenta una investigación fenomenológica sobre el poder del lenguaje en la vida emocional de las personas mayores vinculadas a la Universidad de la Madurez (UMA), centrada en la clase inaugural del segundo semestre de 2025 en el campus de Palmeirópolis. A partir de relatos espontáneos de estudiantes durante una actividad de escucha afectiva, el estudio analiza cómo las palabras y expresiones, tanto positivas como negativas, impactan subjetivamente a los participantes, revelando heridas simbólicas, pero también semillas de aprecio y afecto. Utilizando un enfoque cualitativo e inspiración fenomenológica, los datos se construyeron a partir de la experiencia de campo, la observación participante y el análisis reflexivo de los testimonios. Las discusiones se articularon con autores que abordan el lenguaje como práctica simbólica, las relaciones de cuidado, la empatía y el envejecimiento activo. Los resultados indican que el lenguaje, especialmente en contextos educativos para personas mayores, no solo expresa sentimientos, sino que también constituye identidades y media formas de pertenencia. La UMA emerge como un espacio pedagógico acogedor, en el que la palabra actúa como agente de sanación, reconocimiento y ciudadanía. La investigación reafirma el valor de las prácticas educativas centradas en la escucha sensible, la mediación empática y la valoración de las trayectorias vitales de las personas mayores.

Palabras clave: Lenguaje Afectivo. Vejez. Universidad de la Madurez. Fenomenología. Educación Humanizada.



1 INTRODUÇÃO

A Universidade da Maturidade (UMA) surgiu como uma proposta inovadora de educação para pessoas idosas, promovendo o envelhecimento ativo por meio de atividades pedagógicas, culturais e sociais voltadas à valorização da experiência e da subjetividade na terceira idade. Vinculada à Universidade Federal do Tocantins, a UMA busca fortalecer o protagonismo da pessoa idosa, proporcionando um espaço de escuta, convivência e aprendizado contínuo. A proposta vai além da educação formal, incorporando saberes intergeracionais, práticas de cuidado e reflexões sobre o sentido da vida no processo de envelhecimento (Brasil, 2023).

No segundo semestre de 2025, o Polo da UMA em Palmeirópolis realizou sua aula inaugural com foco no poder da linguagem no cotidiano dos acadêmicos idosos. A atividade foi conduzida de forma dialógica, com base em relatos espontâneos dos próprios velhos, que compartilharam palavras que marcaram suas trajetórias, tanto negativamente quanto positivamente. A dinâmica trouxe à tona emoções profundas associadas à memória da linguagem, revelando como expressões ouvidas em diferentes contextos — familiares, sociais e educacionais — deixam cicatrizes ou sementes de afeto nos corações dessas pessoas.

Diante da escuta atenta e dos relatos emocionados, tornou-se evidente a necessidade de refletir sobre o impacto que as palavras exercem na vida emocional dos idosos. A repetição de frases depreciativas ao longo da vida contribui para a construção de uma autoimagem fragilizada, muitas vezes associada à inutilidade, à lentidão ou à dependência. Ao mesmo tempo, elogios simples e gestos verbais de afeto revelaram um imenso potencial de ressignificação emocional e fortalecimento da autoestima. Tal realidade justifica a urgência de discutir, no campo educacional, a linguagem como ferramenta de cuidado e transformação (Mendes; Cunha, 2021).

Com base nessa vivência, o presente estudo propõe-se a responder à seguinte pergunta de pesquisa: como as palavras afetam emocionalmente a população idosa no ambiente educativo da UMA? A escuta das experiências dos acadêmicos do Polo de Palmeirópolis fornece subsídios ricos para refletir sobre o papel da linguagem na construção de vínculos, na afirmação da identidade e na promoção da saúde emocional da pessoa idosa.

O objetivo deste artigo é analisar a potência das palavras na vida emocional dos idosos sob uma perspectiva fenomenológica, levando em conta o contexto relacional e pedagógico da Universidade da Maturidade. Por meio de relatos vivenciais, busca-se compreender como a linguagem pode ferir ou semear afetos, afetando diretamente o processo de envelhecimento e o sentimento de pertencimento dos sujeitos à comunidade educativa.

Para isso, opta-se por uma abordagem qualitativa, com base fenomenológica, que privilegia a escuta sensível dos participantes e o significado que atribuem às suas experiências com a linguagem. A análise será conduzida a partir dos relatos orais colhidos durante a aula inaugural em Palmeirópolis,



organizados em torno de três eixos temáticos: as palavras que ferem, as palavras que semeiam e as práticas de empatia linguística no ambiente da UMA. A construção desse artigo visa, portanto, contribuir com uma reflexão humanizada e ética sobre o uso da palavra no cotidiano educacional da terceira idade.

2 A LINGUAGEM COMO POTÊNCIA EMOCIONAL NA VELHICE

A linguagem constitui-se como o principal meio pelo qual o sujeito se inscreve no mundo e se reconhece como parte de uma coletividade. Especialmente na velhice, essa dimensão simbólica ganha contornos mais sensíveis, pois é por meio das palavras que o idoso reafirma sua identidade, seu valor e sua história. Benveniste (1995) já observava que é pela enunciação que o indivíduo assume uma posição de sujeito, sendo a linguagem o espaço onde ele se constitui perante si mesmo e os outros. Nesse sentido, a maneira como o idoso é nomeado e escutado interfere diretamente em sua percepção de pertencimento e dignidade.

A transição para a velhice, frequentemente atravessada por estigmas, revela como o discurso social pode atuar como dispositivo de exclusão. Ao analisar o funcionamento da linguagem em seu aspecto ideológico, Orlandi (2020) aponta que o discurso não apenas reflete o mundo, mas o produz, moldando subjetividades. Assim, quando expressões como “*você não presta mais para nada*” ou “*está velha demais*” são repetidas cotidianamente, elas não apenas comunicam rejeição, mas instauram um lugar simbólico de desvalorização que o sujeito idoso passa a ocupar, muitas vezes de forma silenciosa e internalizada.

Esse fenômeno foi intensamente evidenciado nos relatos dos acadêmicos da Universidade da Maturidade durante a aula inaugural no Polo de Palmeirópolis. Ao relatar experiências de dor simbólica, as falas demonstraram como a linguagem pode atuar como forma de opressão. Uma das participantes, visivelmente emocionada, compartilhou: “*a palavra que mais fere meu coração é quando dizem que velho não serve pra nada*”. A recorrência dessas expressões, segundo Barros e Costa (2019), caracteriza o que se denomina violência simbólica na velhice – um tipo de agressão que, embora não deixe marcas físicas, compromete a saúde emocional e a autoestima dos idosos.

É nesse contexto que se pmande pronto faercebe a importância de analisar a linguagem não apenas como ferramenta comunicacional, mas como força afetiva e social que configura identidades e trajetórias. Cunha e Gonçalves (2022) destacam que o envelhecimento não anula a produção de sentidos e afetos – pelo contrário, a maturidade carrega um campo fértil de memórias e significações. Ao dizer “*você está velha demais, anda muito devagar*”, o que está em jogo não é apenas uma constatação física, mas a tentativa de rebaixar o outro à condição de incapacidade, negando-lhe agência e valor.



Diante disso, compreender a linguagem como potência emocional é reconhecer que as palavras proferidas ao idoso não são neutras, tampouco inócuas. Elas podem constituir ambientes de cuidado e reconhecimento, mas também territórios de rejeição e dor. Foucault (2001), ao abordar o poder simbólico, alerta que as formas discursivas definem lugares sociais e legitimam relações de força. Nesse sentido, quando os idosos da UMA relatam escutar frases como “*você não faz nada bem feito*” ou “*você está gorda e preguiçosa*”, estão revelando o modo como o discurso pode minar sua saúde psíquica e corroer os vínculos de afeto e pertencimento que sustentam a experiência do envelhecer.

A recorrência das palavras negativas dirigidas aos idosos se manifesta como um tipo de repetição discursiva que ultrapassa o plano individual e adentra o coletivo, produzindo efeitos duradouros na subjetividade. Quando essas expressões são internalizadas ao longo da vida, tornam-se parte de um discurso silencioso que fragiliza a autopercepção do sujeito. Orlandi (2020) salienta que o discurso, ao se repetir, se naturaliza e passa a operar como verdade. Assim, quando uma acadêmica da UMA afirma que escuta “*você está surda, não está me ouvindo*”, não se trata apenas de uma crítica momentânea, mas da repetição de um modelo discursivo que desqualifica a velhice como etapa legítima da vida.

A fala de Ronilda, acadêmica do Polo de Palmeirópolis, evidencia com clareza o impacto dessa dinâmica. Ao relatar que “*a palavra que fere meu coração é quando escuto que velho nenhum serve para nada*”, ela expõe como o discurso depreciativo se inscreve no corpo e no afeto. Para Benveniste (1995), é a linguagem que confere ao sujeito a possibilidade de reconhecer-se como tal. Quando essa linguagem é marcada pela rejeição, impede a constituição de uma identidade valorizada, afetando diretamente a saúde emocional. A subjetividade do idoso, portanto, é construída em meio a tensões discursivas que podem tanto afirmar quanto anular sua existência social.

Além disso, os depoimentos mostram que a violência simbólica não se resume ao conteúdo das palavras, mas também ao tom, ao contexto e à frequência com que são ditas. Barros e Costa (2019) alertam que muitas formas de agressão na velhice são legitimadas por uma cultura que naturaliza o desprezo aos mais velhos. Nesse sentido, dizer “*você não vai andar comigo porque anda devagar*” representa uma forma de exclusão que reforça o isolamento social, tão frequente entre idosos. A linguagem, nesse caso, atua como dispositivo de afastamento, negando o direito à convivência e ao afeto.

Por outro lado, os relatos também evidenciam que as palavras não apenas ferem, mas podem curar e restaurar a dignidade ferida. Quando Nelly compartilha que seu sobrinho disse: “*Tia, eu gosto do seu sorriso, você aprende a fazer tanta coisa*”, há aí a presença de um discurso que acolhe e valoriza. Cunha e Gonçalves (2022) apontam que o reconhecimento simbólico é essencial para o bem-estar do idoso, e que o uso afetivo da linguagem promove pertencimento e motivação. A potência das



palavras de afeto reside justamente em sua capacidade de reverter a lógica excludente que tantas vezes atravessa a experiência do envelhecer.

Foucault (2001) lembra que o poder não se exerce apenas de forma repressiva, mas também produtiva: ele produz verdades, identidades e práticas. Portanto, a repetição de palavras positivas – como “*você é importante aqui*”, “*que bom que você veio*”, “*vovó, eu te amo*” – opera como contranarrativa de resistência, permitindo que os idosos da UMA ressignifiquem suas trajetórias. O ambiente educativo, nesse contexto, torna-se solo fértil para que novas formas de subjetivação se construam, não pela imposição de um saber técnico, mas pela partilha afetiva das experiências vividas.

O ambiente da Universidade da Maturidade (UMA), ao acolher essas narrativas, transforma-se em um espaço de escuta ativa e legitimação da subjetividade dos idosos. Ao contrário de outros espaços sociais em que o idoso é silenciado ou infantilizado, a UMA valoriza a potência da experiência e da fala. Essa valorização rompe com os estigmas geracionais que associam a velhice à inutilidade. Quando a acadêmica Tereza afirma que se sente ferida ao ouvir que “*se acha melhor que os outros só porque tenta ajudar*”, o que está em jogo é o modo como o discurso age para desautorizar ações de protagonismo e solidariedade no envelhecimento.

Ao mesmo tempo, essa mesma acadêmica relata que se sente tocada quando escuta: “*Deus te mandou aqui para me ajudar*”. Esse reconhecimento simbólico reforça o valor social do cuidado e da presença afetiva do idoso, contrariando as narrativas que o colocam à margem. O discurso carrega marcas ideológicas e produz sentidos que definem quem tem voz e quem deve ser calado. Assim, ao escutarem palavras que os colocam como imprescindíveis, os idosos são repositionados como sujeitos ativos de suas histórias, com capacidade de inspirar e cuidar (Orlandi, 2020).

Esses relatos revelam também a importância das relações intergeracionais na ressignificação da linguagem. A fala da criança Emilia Sofia – “*pra tocar na minha avó tem que passar por riba de mim*” – não é apenas uma expressão espontânea de amor, mas uma demonstração da potência afetiva do vínculo familiar e do respeito pela ancestralidade. Para Foucault (2001), o poder simbólico circula nas relações cotidianas e se reconfigura a depender dos afetos, das resistências e dos gestos de cuidado. A neta, ao se colocar como guardiã da avó, subverte o discurso de fragilidade e reafirma o valor da idosa como referência emocional.

Esse tipo de manifestação também mostra que as palavras carregadas de afeto têm efeitos concretos na saúde emocional dos idosos. Cunha e Gonçalves (2022) destacam que os discursos positivos fortalecem o senso de pertencimento e reduzem os sintomas depressivos, frequentemente associados ao isolamento e à desvalorização simbólica. Ao serem chamados de “*importantes*”, “*amados*”, “*valorizados*”, os acadêmicos da UMA reconstruem sua autoestima e se percebem como agentes legítimos de saber e afeto. Não se trata apenas de elogios pontuais, mas de palavras que reconfiguram o lugar social do idoso.



É nesse processo que a linguagem mostra sua dimensão transformadora: ela é capaz de marcar, ferir e excluir, mas também pode acolher, regenerar e semear. Barros e Costa (2019) reforçam que a violência simbólica muitas vezes se disfarça de brincadeira ou cuidado, enquanto o afeto genuíno se expressa em pequenas frases que restituem o sentido da vida. Quando o idoso escuta “*você é importante aqui*”, esse discurso atua como uma espécie de antídoto contra anos de silenciamento. A UMA, ao propiciar um espaço de convivência afetiva, permite que esses novos discursos floresçam, gerando uma linguagem que semeia vínculos e dignidade.

Ao ouvirem repetidamente expressões negativas sobre si, os idosos podem internalizar essas mensagens como verdades, o que contribui para o adoecimento emocional. A acadêmica Ronilda expressa isso ao relatar que a frase “*velho nenhum serve para nada*” é profundamente dolorosa. Essa afirmação não é apenas uma crítica pontual, mas o reflexo de um discurso social que associa o envelhecimento à inutilidade, reforçando estigmas e desencadeando sentimentos de inadequação e tristeza (Barros; Costa, 2019).

A repetição de palavras que ferem, como mostra Benveniste (1995), atua como um processo de subjetivação ao contrário: em vez de constituir o sujeito, a linguagem o desintegra emocionalmente, criando fissuras na identidade. Quando o discurso cotidiano desvaloriza a existência do idoso, a linguagem passa a ser um instrumento de apagamento simbólico. A acadêmica Neli revela esse sofrimento quando afirma que escutar que é “*muito atirada, muito pra frente*” a faz desejar desaparecer daquele ambiente.

Esses efeitos não são apenas simbólicos; eles impactam diretamente a saúde mental. Estudos demonstram que a exclusão discursiva está relacionada ao aumento de quadros depressivos, ansiedade e isolamento social entre pessoas idosas (Cunha; Gonçalves, 2022). A sensação de não pertencimento, provocada por palavras ofensivas, reduz a disposição para atividades sociais e educativas, fragilizando ainda mais a autonomia emocional dos sujeitos.

Por outro lado, quando os idosos têm a oportunidade de se expressar em ambientes afetivos como a UMA, cria-se um espaço de resistência simbólica. Ao verbalizarem as palavras que os ferem, os acadêmicos não apenas nomeiam o sofrimento, mas também o ressignificam. Esse gesto transforma o trauma em narrativa, e a dor em potência. Foucault (2001) argumenta que todo discurso contém a possibilidade de subversão. Assim, ao contarem suas histórias, os idosos reconstruem sua dignidade.

A potência da linguagem também se revela nos afetos partilhados. Quando a neta diz “*vovó, eu te amo*” ou quando um colega da UMA afirma “*que bom que você veio*”, o idoso experimenta uma reafirmação de sua presença no mundo. Essas palavras funcionam como sementes lançadas em um solo fértil — o coração envelhecido que ainda pulsa e deseja ser lembrado, escutado, amado. Como sintetiza Orlandi (2020, p.42), “o sujeito se constitui na e pela linguagem, e é nessa constituição que ele também encontra abrigo”.



Dessa forma, não se trata apenas de evitar palavras duras, mas de promover uma cultura discursiva que valorize o envelhecimento como etapa legítima e rica da vida. A educação para o envelhecimento, como propõe a Política Nacional de Educação e Envelhecimento Ativo (Brasil, 2023), deve incluir a reflexão sobre os efeitos simbólicos da linguagem, capacitando ambientes educativos como a UMA a serem espaços de cuidado, reconhecimento e empatia.

Nesse sentido, o papel dos educadores e mediadores sociais é central. Cabe a eles fomentar práticas pedagógicas que valorizem a escuta, a partilha de memórias e o uso consciente da linguagem. A escuta qualificada e o uso de palavras que fortalecem são recursos pedagógicos fundamentais para consolidar vínculos e promover saúde emocional no processo de envelhecimento (Mendes; Cunha, 2021).

Ao final da aula inaugural no Polo de Palmeirópolis, as emoções compartilhadas, as lágrimas e os abraços evidenciaram que, mesmo palavras simples, quando proferidas com empatia, podem transformar profundamente o outro. A linguagem se mostrou, ali, não como instrumento neutro, mas como semente viva que carrega afeto, dor, memória e cura. Cada relato foi uma flor que brotou na terra do encontro.

Esses encontros também revelam a dimensão política da linguagem. Ao tomarem a palavra, os idosos da UMA reafirmaram seu lugar no mundo, sua capacidade de sentir, de emocionar e de construir saberes. O discurso, nesse contexto, torna-se ferramenta de resistência, empoderamento e reexistência — a linguagem que antes feriu agora semeia.

3 PALAVRAS QUE ACOLHEM: MEDIAÇÃO, EMPATIA E RECONHECIMENTO

A mediação afetiva, no contexto da Universidade da Maturidade, transcende a função pedagógica convencional. Ela se transforma em presença que escuta, acolhe e valida as experiências dos idosos. O educador não apenas ensina, mas convive, escutando os silêncios e significando com palavras gestos de cuidado. A linguagem, nesse espaço, é ferramenta de relação, e não de controle ou correção. Assim, a aula torna-se um encontro ético e humano.

O papel do educador da UMA, nesse sentido, aproxima-se da proposta de Martin Buber (2002), ao destacar a importância do encontro Eu-Tu como relação de presença e reconhecimento. Quando um professor diz “você é importante aqui”, não está apenas estimulando a frequência, mas devolvendo ao acadêmico o direito de existir simbolicamente. As palavras acolhedoras reafirmam a identidade daqueles que, muitas vezes, foram socialmente silenciados.

Essa potência se revela com nitidez nos relatos da aula inaugural em Palmeirópolis. Quando um neto diz à avó “vovó, eu te amo, sabia?”, a expressão carrega mais que afeto: traz consigo memória, vínculo, pertencimento. A palavra do outro funciona como espelho, refletindo valor e



despertando sentido. No idoso, esse reflexo é muitas vezes restaurador, pois desafia narrativas internas de desvalia.

As palavras de incentivo ditas por colegas, netos ou professores criam, nesse espaço, zonas de vínculo emocional. Para a acadêmica Tereza, ouvir “*obrigado por você me ajudar, Deus te mandou aqui*” é mais que gratidão — é legitimação. Quando se reconhece no outro um papel significativo, desfaz-se a invisibilidade social frequentemente atribuída à velhice. Essa legitimação simbólica tem efeito terapêutico.

A escuta ativa também desempenha papel central nesse processo. Silva e Pereira (2021) argumentam que a escuta empática, sobretudo com públicos vulneráveis, como idosos, opera como prática de validação subjetiva. Ouvir com presença e sem julgamento é, por si só, um gesto que comunica: “você importa”. No espaço da UMA, esse tipo de escuta se materializa em pequenas ações e palavras que transformam.

No relato de Neli, essa transformação é nítida. Ela afirma que se sente ferida quando dizem que é “*muito pra frente*”, o que revela o tensionamento entre espontaneidade e julgamento social. No entanto, ela também relata que se sente acolhida quando ouve do sobrinho: “*eu gosto do seu sorriso*”. Essa frase, simples, redesenha sua autoestima, pois nasce da convivência e da atenção. O afeto, neste caso, cura.

Essa dimensão é reforçada por Morin (2020), ao defender que toda educação deveria também ser uma educação para a sensibilidade. Em contextos de envelhecimento, tal sensibilidade não é um adorno, mas condição de existência. Educar com sensibilidade é compreender que a palavra tem temperatura, tem tom, tem gesto. No ambiente da UMA, onde o corpo e a história se encontram, essa sensibilidade transforma a aula em cuidado.

Os vínculos afetivos não se formam apenas por afinidade, mas por reconhecimento simbólico. Lins e Sousa (2023) analisam como as práticas educativas podem empoderar o idoso ao criar espaços de fala que valorizem sua trajetória. Quando um acadêmico compartilha uma memória e é escutado com interesse, algo se reconfigura: o tempo vivido ganha novo sentido, a existência é honrada. E a palavra tem papel ativo nesse processo.

Esses momentos, muitas vezes espontâneos, se repetem no cotidiano da UMA e merecem ser sistematizados como práticas educativas de cuidado. Neste contexto, o Quadro 1 apresenta exemplos reais de palavras citadas pelos acadêmicos como experiências de acolhimento e incentivo emocional, demonstrando a potência do discurso afetivo no cotidiano institucional:



Quadro 1 – Palavras que Semearam Afeto no Coração dos Acadêmicos da UMA

Acadêmico(a)	Palavra/Expressão que Acolheu	Contexto Relatado
Ronilda	<i>“Vovó, eu te amo, sabia?”</i>	Declaração do neto após um almoço em família
Neli	<i>“Eu gosto do seu sorriso”</i>	Conversa com o sobrinho Caleb
Tereza	<i>“Obrigado por você me ajudar; Deus te mandou aqui”</i>	Reconhecimento de um vizinho
Emília Sofia (criança)	<i>“Minha avó é tudo para mim”</i>	Discurso espontâneo durante a aula inaugural
Professora da UMA	<i>“Que bom que você veio para a aula hoje”</i>	Acolhida a uma idosa em situação de isolamento

Fonte: Depoimentos dos acadêmicos durante aula inaugural no Polo Palmeirópolis (2025).

Ao observar essas falas, nota-se que os vínculos afetivos se constroem por pequenos atos linguísticos. O que se diz importa, mas também como se diz. Um elogio genuíno, uma saudação entusiasmada ou um agradecimento sincero são gestos verbais que cicatrizam feridas construídas por anos de desqualificação. A palavra, aqui, é afeto em ato.

A mediação afetiva, portanto, se configura como metodologia silenciosa, mas poderosa. Não está nos slides, mas no tom com que se chama o nome do aluno. Não está no conteúdo da disciplina, mas na forma como se sorri ao ouvi-lo. Como diria Buber (2002), é nesse encontro Eu-Tu que o humano emerge: onde há empatia, há educação.

Esses depoimentos revelam mais do que experiências isoladas. São marcas de uma pedagogia do afeto, construída na convivência e na escuta. São exemplos vivos de que a linguagem é instrumento de cuidado, e que sua potência reside na forma como conecta pessoas e resignifica trajetórias. Para os idosos, sentir-se escutado é reencontrar dignidade.

A criança Emilia Sofia emocionou a todos ao dizer: *“para tocar na minha avó tem que passar por riba de mim”*. Essa frase, repleta de ternura, revela o lugar da afetividade intergeracional. A menina, em sua inocência, compreendeu o valor daquela avó e verbalizou proteção. A linguagem da infância, nesse caso, operou como gesto de resistência ao abandono simbólico da velhice.

Por fim, esse conjunto de relatos reforça o que Buber (2002) propõe: só existe o Eu pleno quando há o Tu reconhecido. E isso se faz com linguagem. “Quando duas pessoas se encontram, o que mais importa não é o que elas dizem, mas o que elas são uma para a outra. O verdadeiro encontro é sempre afetivo” (Buber, 2002, p. 15). É nesse espírito que a UMA se firma como espaço onde palavras não ferem, mas semeiam.

4 UMA E A EXPERIÊNCIA EDUCATIVA COMO SOLO PARA PALAVRAS QUE SEMEIAM

A Universidade da Maturidade (UMA) representa uma proposta inovadora de educação que integra a valorização do envelhecimento com práticas pedagógicas humanizadas e afetivas. Ao proporcionar um espaço de escuta, convivência e expressão, a UMA transcende os modelos



tradicionais de ensino e coloca o sujeito idoso no centro de sua proposta pedagógica, resgatando sua identidade, história e potência simbólica (Martins; Araujo, 2022).

No contexto do Polo de Palmeirópolis, a aula inaugural do segundo semestre materializou esse compromisso da UMA com a escuta sensível e a valorização da experiência de vida dos seus acadêmicos. O encontro, que reuniu educadores, representantes públicos e idosos, foi marcado por uma dinâmica que convidava os participantes a refletirem sobre as palavras que ferem e aquelas que curam, revelando o poder simbólico da linguagem no cotidiano da velhice.

Durante a atividade, uma caixa contendo frases simbólicas provocativas foi passada entre os presentes. Os acadêmicos tiravam as frases, liam em voz alta e, se quisessem, compartilhavam como aquelas palavras ressoavam em suas memórias. Essa prática pedagógica demonstrou, de maneira concreta, como a palavra é semente — podendo ser de destruição ou de afeto — e como o espaço educativo pode funcionar como solo fértil para novos sentidos.

A proposta da aula, alinhada à educação popular defendida por Brandão (2017), operou como um dispositivo de escuta coletiva e ressignificação das dores que os idosos carregam. A fala, neste contexto, não se limitou a um exercício retórico, mas tornou-se gesto de cuidado. A valorização das narrativas dos sujeitos deu visibilidade a dores ocultas e a alegrias silenciosas, mobilizando afetos e reconstruindo pertencimentos.

A linguagem revelada nos depoimentos dos acadêmicos demonstrou a importância da palavra como veículo de cura. Quando Ronilda relembra com emoção o momento em que seu neto lhe disse “vovó, eu te amo”, esse enunciado não apenas afeta seu presente, mas ressignifica a maneira como ela se percebe e se posiciona no mundo. É nesse sentido que a UMA atua como solo para palavras que semeiam, oferecendo cuidado e regeneração simbólica.

Essa dimensão afetiva é igualmente visível na fala de Tereza, que relata que “*quando alguém fala: ‘Deus te mandou aqui para me ajudar’, meu coração se enche de alegria*”. Essa afirmação demonstra que o reconhecimento vindo do outro alimenta a autoestima e confirma o valor social dos idosos. Neves e Dantas (2021) descrevem esse processo como “educação cuidadora”, onde escutar é tão importante quanto ensinar.

A seguir, o Quadro 2 resume alguns dos relatos e suas respectivas implicações emocionais, evidenciando a importância da linguagem acolhedora no ambiente educativo da UMA:



Quadro 2 – Palavras que Semeiam no Ambiente Educativo da UMA

Situação Relatada	Palavra/Ação que Semeia	Efeito Emocional Declarado
Reconhecimento do esforço na aula	<i>“Que bom que você veio para a UMA”</i>	Sentimento de pertencimento
Validação da ajuda prestada	<i>“Deus te mandou aqui para me ajudar”</i>	Alegria, sentido de missão
Afeto familiar	<i>“Vovó, eu te amo”</i>	Fortalecimento da autoestima
Defesa por parte dos netos	<i>“Tem que passar por mim pra tocar nela”</i>	Proteção e valorização
Apoio dos colegas da UMA	<i>“Você é importante aqui”</i>	Vínculo afetivo e permanência no projeto

Fonte: Relatos das acadêmicas da UMA – Polo Palmeirópolis (2025).

Esses relatos mostram que, ao contrário do que o discurso etarista sugere, os idosos não são sujeitos do passado, mas agentes ativos de vínculos afetivos e transformações sociais. A UMA, ao dar-lhes voz, também lhes devolve a centralidade da própria narrativa. É nesse gesto pedagógico que se reconhece a educação como espaço de emancipação subjetiva (Brandão, 2017).

A valorização da escuta e das experiências de vida amplia o sentimento de pertencimento. Acadêmicos relatam que se sentem “parte de algo maior” ao frequentar a UMA, não apenas por aprenderem novos conteúdos, mas por perceberem que são vistos, ouvidos e admirados. Essa vivência rompe o isolamento social, tão frequente na velhice, e promove uma reinserção simbólica e afetiva.

O sentimento de valorização também emerge com força nos depoimentos sobre interações familiares. A neta Emília Sofia, ao declarar publicamente que *“para tocar na minha avó tem que passar por riba de mim”*, afirma a importância de sua avó diante da comunidade, ressignificando os papéis e a autoridade simbólica dos mais velhos na família. Trata-se de um ato de amor que enaltece e empodera.

As práticas pedagógicas da UMA, como a apresentação cultural feita pelas acadêmicas de Palmeirópolis antes do início da aula, reforçam o protagonismo dos sujeitos idosos. Ao se expressarem por meio da dança e da fala, os participantes reafirmam suas identidades, rompendo com estereótipos de passividade e inutilidade frequentemente atribuídos à velhice (Martins; Araujo, 2022).

A aula inaugural, ao articular vivência estética, linguagem simbólica e escuta ativa, revelou-se um momento pedagógico potente, não apenas por seu conteúdo, mas por sua forma. O acolhimento oferecido aos acadêmicos ressoou em seus relatos emocionados, demonstrando que, quando bem empregada, a palavra tem o poder de fertilizar a alma e transformar a trajetória de vida.

Nesse contexto, a linguagem funciona como ponte entre o eu e o outro, entre o vivido e o significado, entre a dor e o alívio. A UMA não apenas ensina a usar palavras, mas mostra que as palavras nos usam — nos atravessam, nos transformam, nos salvam. Assim, o ato de nomear torna-se um gesto de amor, e a escuta, uma forma de cura (Neves; Dantas, 2021).

A transformação simbólica possibilitada pela UMA repousa na capacidade de fazer com que os acadêmicos se vejam com novos olhos. Ao ouvir de uma colega ou educador *“você é importante aqui”*,



o idoso deixa de ser invisível. Ele passa a ocupar lugar, a habitar um espaço simbólico onde sua existência importa. Essa mudança é profunda e duradoura.

Em última análise, pensar a UMA como solo de palavras que semeiam é também refletir sobre a urgência de políticas públicas que valorizem a educação para a maturidade. Trata-se de reconhecer que envelhecer com dignidade não é apenas questão biológica, mas um projeto cultural e educativo que envolve a linguagem, a escuta e o afeto.

5 CONCLUSÃO

A linguagem, ao atravessar a velhice, revela sua potência simbólica de forma contundente. As palavras que os idosos escutam, repetem ou silenciam carregam não apenas significados, mas memórias, afetos e marcas existenciais. Ao longo deste estudo, ficou evidente que a linguagem é constitutiva da subjetividade e, quando empregada sem cuidado, pode se tornar instrumento de exclusão e dor. Por outro lado, quando usada com empatia e presença, transforma-se em caminho de cura e acolhimento.

A Universidade da Maturidade (UMA), em especial no Polo de Palmeirópolis, se mostrou um espaço privilegiado para a escuta sensível e para a ressignificação das trajetórias de vida. A aula inaugural analisada revelou como a palavra pode reverter a lógica da invisibilidade que frequentemente cerca a velhice, oferecendo aos acadêmicos idosos um lugar simbólico de valor, pertencimento e afeto. Nesse território, a linguagem ganha outro sentido: passa a construir, e não a ferir.

Cultivar palavras que semeiam significa não apenas escolher com responsabilidade o que dizemos, mas também reconhecer que cada fala pode deixar raízes profundas no solo emocional do outro. A exclusão, muitas vezes, começa por frases corriqueiras e julgamentos disfarçados, que deslegitimam saberes, experiências e formas de estar no mundo. Escolher palavras que acolhem é, portanto, uma prática ética e educativa.

A continuidade de pesquisas com abordagem fenomenológica se mostra pertinente e necessária. Estudos futuros podem aprofundar os vínculos entre linguagem, cuidado e envelhecimento, explorando diferentes contextos e experiências que permitam ampliar a escuta do idoso em ambientes escolares, comunitários e familiares. O olhar atento sobre o modo como falamos e escutamos pode abrir novas possibilidades de pertencimento e reconhecimento.

Em conclusão, este trabalho é também um convite. Um chamado à sociedade, às instituições e a cada indivíduo para se tornarem semeadores de palavras que nutrem e fortalecem. Em um tempo marcado por ruídos e indiferença, que possamos lembrar que as palavras têm corpo, têm direção, e deixam marcas. E que cada um de nós é responsável pelas sementes que escolhe lançar no coração do outro.



REFERÊNCIAS

BARROS, Cláudia Oliveira; COSTA, Marina Freitas. Palavras que ferem: a violência simbólica contra idosos em contextos familiares. *Revista Kairós Gerontologia*, v. 22, n. 1, p. 111–130, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/45892>. Acesso em: 16 set. 2025.

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral II. Campinas: Pontes, 1995.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Educação Popular. 29. ed. São Paulo: Brasiliense, 2017.

BRASIL. Plano de Ação para Implementação da Política Nacional de Educação e Envelhecimento Ativo. Brasília: Ministério da Educação, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/educacao-ativo>. Acesso em: 16 set. 2025.

BUBER, Martin. Eu e Tu. 4. ed. São Paulo: Centauro, 2002.

CUNHA, Lúcia Maria de Assunção; GONÇALVES, Pedro Henrique. Linguagem e envelhecimento: discursos que ferem e curam. *Revista Brasileira de Linguística Aplicada*, v. 22, n. 3, p. 789–808, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/3cjhdgqwmbrv8z9zl>. Acesso em: 16 set. 2025.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. 22. ed. São Paulo: Loyola, 2001.

LINS, Amanda de Oliveira; SOUSA, Júlia Raquel. Afetividade e empoderamento na terceira idade: reflexões sobre o papel da linguagem. *Revista Interfaces Científicas - Humanas e Sociais*, v. 11, n. 1, p. 45–60, 2023. Disponível em: <https://www.interfacescientificas.com.br/humanas/article/view/2124>. Acesso em: 16 set. 2025.

MARTINS, Isabel Cristina; ARAÚJO, Débora Vieira. Universidades abertas e cidadania na velhice: experiências de pertencimento. *Revista Retratos da Escola*, v. 16, n. 35, p. 333–352, 2022. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1200>. Acesso em: 16 set. 2025.

MENDES, Lílian Rodrigues; CUNHA, Rafael Tavares da. Linguagem afetiva e subjetividade no processo de envelhecimento. *Revista Psicologia e Sociedade*, v. 33, e021036, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/vsLwjklsadkq1>. Acesso em: 16 set. 2025.

MORIN, Edgar. A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. 23. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2020.

NEVES, Tamires dos Santos; DANTAS, Helder Lucas. Educação e cuidado na maturidade: caminhos da formação afetiva. *Educação & Formação*, v. 6, n. 3, p. 25–42, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/redufor/article/view/3679>. Acesso em: 16 set. 2025.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Discurso e subjetividade. Campinas: Pontes, 2020.

SILVA, Ana Cláudia; PEREIRA, Lúcio Costa. Escuta empática em contextos educativos com idosos: uma prática transformadora. *Revista Educação e Contemporaneidade*, v. 30, n. 60, p. 173–192, 2021. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/index.php/educacao/article/view/10952>. Acesso em: 16 set. 2025.



UNIVERSIDADE DA MATURIDADE (UMA). Projeto político-pedagógico institucional: UMA Tocantins. Palmas: UFT, 2024. Disponível em: <https://www.uft.edu.br/uma/projetopedagogico>. Acesso em: 16 set. 2025.

